

# PINGO D'ÁGUA

---



“Acorda, menino, hoje não dá para você ir à escola; o Zé faltou, você vai cobrir, a pousada está cheia!”. Sonolento e obediente, ele se veste rápido e vai para a cozinha da pousada da família, participar dos preparos do café da manhã. A temperatura está baixa, 14 graus, mas põe uma regata por baixo das blusas de frio pois no Jalapão, nessa época, depois que o sol aparece, ela sobe rapidamente para uns 35 graus.

O pessoal chegou no dia anterior, em um carro de bombeiros adaptado para servir como uma espécie de ônibus, a que deram o apelido de Mamute. Bruto, como as condições daquela região. Não é à toa que, entre os visitantes, há sempre atletas de ponta, praticantes de esportes exigentes como Ironman ou ginástica olímpica. Encantava-se com os fragmentos de histórias que escutava ao atendê-los, como a da descida de uma cachoeira de 12 metros em caiaque e de como é preciso jogar o corpo para a frente no início da queda, ou a força da água joga o caiaquista para trás e lá se vai o pouquíssimo mas valioso controle dessa situação.

Falavam de lugares distantes e muito diferentes daqueles a que estava acostumado. As montanhas imponentes do Peru. A areia coberta de prédios espelhados de Dubai. A imensidão verde do Pará. A imensidão branca do Canadá. O paliteiro de arranha-céus de São Paulo. Corria a pesquisá-los no celular quando ouvia os hóspedes contarem dessas paragens fascinantes.

Sua terra tinha encantos também; aliás, muitos. Um especial era o reino das águas. Apesar da fama equivocada de deserto, o Jalapão era uma terra de subsolo rico em água e de rios caudalosos, os quais aproveitava sempre que podia. Matava aula quando achava uma carona para os mágicos fervedouros, de águas esbranquiçadas por bolhinhas e areia em revolução. Ou para descer longos trechos de remanso e corredeiras, que percorria com a câmara de pneu emprestada às escondidas da borracharia do Pedrão. E devolvida depois.

Seu amor pelas águas chamou a atenção de um turista, capitão de uma tradicional e premiada equipe de competições de *rafting* de Brotas, São Paulo. O efeito que as histórias e informações sobre atividades e aventuras desse grupo lhe fazia era tal que tomava seguidas broncas de seus companheiros de trabalho, pois a toda hora largava tudo para escutá-las, paralisado de fascínio.

Vendo isso, o capitão o convidou a acompanhá-lo e a seus companheiros de equipe, ao rio Novo, não muito longe dali – na escala de distâncias “jalapenha”, que é bem mais expandida que a comum. Seu pai vacilou para deixar, estava com falta de gente na pousada. Mas o capitão é cliente e amigo velho, de confiança, e o frenesi do filho era tal que, afinal, não teve como negar. O “sim” do pai o deixou tão feliz que parecia cintilar como as estrelas da noite anterior.

Entra no Mamute em êxtase, o primeiro dos muitos que experimentou nessa aventura. À beira do rio, um aparato está armado. Disciplinadamente dispostos, formando desenhos cheios de geometria e cor, estão remos, coletes salva-vidas, capacetes e outros equipamentos. E botes infláveis: amarelos, pretos e gordinhos, abelhas aquáticas gigantes. Em vez de uma câmara de pneu, dão-lhe um colete salva-vidas para vestir. E um capacete. Instruções de como segurar e manejar o remo, manobras básicas e seus comandos, procedimentos de segurança e resgate. E... às águas!

O primeiro trecho já é batismo de fogo, aliás, de água: uma descida nível IV. Atrapalha-se na manobra de escorregar para dentro do bote ao comando “solo” e mete a canela no suporte metálico da caixa de mantimentos que transportam. No susto, solta o remo, que é logo resgatado, felizmente. “Foi mal...”, murcha, sem graça. Mas seus companheiros de bote, cinco “raffeiros” experientes, o tranquilizam: “É assim mesmo, às vezes acontece conosco também”. Sabe-se lá se é verdade, mas serve para “desmurchar”. Pensa que aprendeu sobre respeito pelo rio. E nada lhe tira o encanto de ter experimentado o fluxo das águas revoltas, espumantes, com ondas reversas e cavadas. A intensa sensação de ser água.

Não lembra quanto tempo passou no rio. Muito, pouco? Alternaram-se trechos de remanso e de quedas e corredeiras, a última delas em curva. Percebia quando a intensidade seria maior pelo que lia no semblante e em todo o corpo de seus companheiros: iluminavam-se como as estrelas mais brilhantes de noites de lua nova e os sorrisos abriam-se, largos. Depois de transposto o trecho que trouxera essa expressão, riam. O prazer inundava o bote e nele circulava, como as águas não haviam feito.

Antes do anoitecer, encostaram em uma praia de areias brancas e lá acamparam. No jantar, descobre feliz que causou profunda impressão por sua desenvoltura, concentração e entusiasmo durante a atividade, mesmo com o tropeço do início. Dá-se conta, a partir do relato de seus tutores, de que as expressões de prazer que os iluminaram estiveram nele também. Ouve, muitas vezes, a palavra “promissor”.

No dia seguinte, de volta à pousada, vê o capitão olhar para ele e chamar seu pai para um particular. Aguarda curioso o fim da conversa de mais de três horas, durante as quais sente seu coração aos pulos, pois algo lhe diz que o assunto era ele. Quando termina a longa reunião, tudo segue normal: após o café da manhã, é hora de os hóspedes partirem. O capitão despede-se de todos da pousada com simpatia, abraça-o e tece-lhe elogios pelo desempenho e atitudes na aventura aquática do dia anterior. Sobe no Mamute, que desaparece no denso pó da estrada, trepidando nas costelas de vaca. Deixa-lhe a sensação de que sonhou.

Algo mudou: sente uma febre por dentro que não tinha antes. E algo mudou em seu pai também: está mais quieto, pensativo, e a toda hora conversa em reservado com sua mãe.

Dias depois, seus pais o chamam. A mesa está posta para três, com um prato especial: peixe assado na folha de buriti, acompanhado de farinha de puba. Iguaria. Seu pai começa uma conversa, solene:

— Filho, sempre nos falam que parecemos índios, não é? Te contei que seu bisavô era índio mesmo, certo? Então, está na hora de você saber mais:

“Meu avô morava perto da praia, na Bahia. Era Pataxó, da aldeia de Barra Velha. Uma vez teve uma confusão em um comércio na cidade e a polícia caiu matando em cima dos índios. Tacaram fogo na aldeia e fizeram tanta violência que todo mundo fugiu e dispersou por aí. A polícia disse que eles eram comunistas. Meu avô e mais uns nunca mais voltaram; ficaram assombrados e foram andando por esse mundo muitos anos, até vir parar aqui, bem longe de tudo, e aqui se sentiram seguros pra ficar. Nem contavam muito das histórias e costumes Pataxós; tinham medo de serem descobertos e fazerem maldade com eles e os filhos. Mas algumas coisas eu sei, escaparam.

“Essa comida é como a gente consegue fazer o peixe na patioba, que é uma palmeira da Bahia. Aqui não tem, então a gente usa a folha do buriti. Puba também é comida que os Pataxós faziam.

“Uma vez, quando meu avô estava já muito velho e doente, me contou como nasceu nosso povo. Antigamente, na terra só tinha bicho: tatu, teiú, onça, capivara, tamanduá, macaco... E passarinho: arara, carcará, curicaca, pato-mergulhão, anu... Um dia formou uma chuva, choveu, choveu, e o último pingo virou um índio. Ele achou muito bonito tudo o que viu na terra: a mata, os rios, o voo dos pássaros, os barulhos dos bichos, o amanhecer, o pôr do sol, muita beleza. E foi vivendo e trabalhando na terra e aprendendo seus segredos, suas estações, sempre encantado e feliz.

“Um dia caiu outra chuva. Quando parou, a terra estava cheia de índios, porque cada pingo tinha virado um. Ele disse assim para os novos: ‘Olha, parentes, agora eu vou ensinar pra vocês tudo o que eu sei e depois vou pro céu, pro Itôhã, proteger vocês. Meu nome é Txopai’. E fez isso.

“Então, meu filho, eu entendi uma coisa que tava escrita na parede do quarto do seu bisavô. Dizia assim: ‘*Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e o mar*’<sup>1</sup>”.

Um arrepio percorre a espinha do rapazinho e espraia-se por seu corpo, trazendo-lhe um zumbido no ouvido e uma sensação de vísceras se revolvendo. Estranhamente, sabia que era algo bom.

Seu pai e sua mãe percebem, entreolham-se e guardam silêncio. Assim ficam os três, compartilhando esse momento denso e solene, de ancestralidade recuperada e libertação. De rompimento de amarras identitárias que desde sempre os alijaram de uma essência de si próprios: sim, somos o Povo da Água.

Alguns pensamentos tomam forma em meio à névoa, ao turbilhão de sentimentos do rapazinho. Sentidos emergem. A atração permanente e irresistível pelos rios, fervedouros, cachoeiras e até poças. A sensação algo sobrenatural que tivera no *rafting* de, para além de fluir nas águas, SER água. Era um pingo, sim, sim!

Amainado um pouco esse momento sagrado, o pai fala. Conta que o capitão da equipe de *rafting* ficara muito impressionado com seu potencial e o convidara a treinar com sua equipe. Iria se encarregar de tudo, inclusive de cuidar para ele continuar a estudar. Às vezes, teria umas interrupções para participar de campeonatos, em países estrangeiros inclusive. As faltas às aulas seriam compensadas com estudos e lições durante as viagens e com a imensa experiência e os conhecimentos gerais que ganharia com elas. Poderia falar com sua família e amigos por celular e visitá-los sempre que alguém de confiança fosse ao Jalapão.

— Você quer ir?

— Quero.

— Então vai, Pingo d’Água, embora para o rio e o mar!

---

<sup>1</sup> PATAXÓ, Kanátyo. *Txopai e Itôhã*. Belo Horizonte: MEC/UNESCO/SEE, 1997.

*Como seria, quem seríamos, se em nossas escolas aprendêssemos sobre os povos tradicionais que constituem nossa identidade? Sobre sua história, beleza, sabedoria, modo de vida e cosmovisão? Se isso acontecesse, mais do que em livros e aulas expositivas, por meio de experiências que nos remetessem a suas (nossas) culturas, como em atividades escolares com danças e cantos, conversas em roda, estudo coletivo e em espaços abertos, em contato com a terra, as plantas, o vento?*

*O apagamento de nossas raízes indígenas e negras é tão intenso que nos desconhecemos. Somos multidões a viver o estado de limbo identitário em que o personagem principal dessa história esteve, rompido aqui e ali quando alguma experiência ou frase solta trazia-lhe sensações fortes vindas de sua ancestralidade, sem que ele pudesse entender o que lhe sucedia. Como se ele fosse um quebra-cabeças faltando peças. E era, até que as peças escondidas aparecem e tudo se integra.*

*Mais recentemente, a força organizada dessas culturas desvalorizadas e agredidas vem conseguindo ampliar nossa possibilidade de não mais nos alienarmos de nós mesmos, mutilados.*

*Vamos fazer escolas em que possamos conhecer e viver nossas múltiplas culturas?*